

Director de Biblioteca Pública
Nota

"O LUGAR DOS MOÇOS, NESTA HORA DECISIVA, NÃO É ENTRE OS OCIOSOS E OS INDIFERENTES, AMOLECIDOS DE ESPIRITO E DE CORPO --- É NA VANGUARDA, NA PRIMEIRA LINHA DOS COMBATENTES, ENTRE OS PIONEIROS DOS IDEAIS CONSTRUTIVOS".

(GETÓLIO VARGAS)

Folha Acadêmica

Órgão Oficial do Centro Acadêmico XI de Fevereiro

Ano I Faculdade de Direito de Santa Catarina, Florianópolis, 10/8/1944 N. 8

Do pré-jurídico ao bacharelato

Reportagem de Francisco Carlos Regis. — Terceiranista.

Com a nova lei do ensino, a entrar em vigor em 1937, e a qual se estabelecia como obrigatórios, os cursos pré-jurídicos, ficou a rapaziada da Jureré-mirim muito apreensiva: é que não havia tal curso no nosso único Ginásio. Porém, já se achava como timoneiro seguro, na direção do Estado, o sr. Nerêu Ramos, que pelo decreto 287, publicado no Diário Oficial de 8 de Maio, aprova o contrato celebrado com os jesuítas do querido Ginásio Catarinense, para manutenção do Curso Pré-jurídico.

Ingressaram na primeira série os seguintes alunos: Altamiro Dias, Ayres Gonçalves, Hélio Rosa, Hypolito Pereira, João Ramos, Lydio Calado, Nargo Galletti e Nicolau Pinho de Oliveira.

Desta "turminha", seis alcançaram o almejado "canudo" de bacharel em ciências jurídicas e sociais, o ano passado, pela Faculdade.

Foram os primeiros a terem seu curso prolongado por mais dois anos.

Hoje já têm sua etapa vencida e se acham envolvidos em arrazoados vibrantes; petições inteligentes; inquirições em que jogam o verde para colher o maduro; acusações e defesas perante o Tribunal do Juri, com citações de Carara, Ferri, Lombroso, Ipalomeni, Alimena, estes genios da bela Itália sem Mussolini; abrihantando com seus discursos, as festas cívicas do interior, pois, a fala do promotor, é muitas vezes a "conditio si ne qua non" haverá a festinha. E, sabe Deus quantos outros mistéres altruísticos andam a fazer nos juizes "a quo".

No ano fluente, sairá da Faculdade a segunda turma do Pré-jurídico, que era composta dos seguintes alunos: Carlos L. da Luz, Francisco E. Mira Gomes, João Batista Tezza, José F. Boabaid, Nilton B. da Silva, Jaci M. Regis e Valde-

ro Cascais. Deste Pré-jurídico, que tem dado demonstrações sobejas do esforço indormido dos padres jesuítas em Santa Catarina. Trazem gravadas na memória as palavras sapientíssimas deste gaúcho de fibra, que é Alvinio Bertoldo Braun, atual Padre Diretor do Ginásio Catarinense.

Entre os membros da segunda turma do Pré-jurídico, encontra-se o colega José F. Boabaid, atual presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro. A passagem do colega Boabaid pelo Centro, marca, com sulco profundo, duas etapas bem distintas na vida de nossa organização estudantil. Ele levantou o Centro daquela apatia, daquele marasmo, daquela malaria que se achava possuído. Foi revolucionário na eleição e revolucionário na gestão. Tirou jornal, fez a coroação da rainha, fez a abafante festa de São João, mandou fundir o bronze de José Boiteux, manteve os jantares de confraternização, etc...

É a segunda turma que se encaminha para o juramento de só pedir e só fazer justiça. Turma alegre, cheia de vida, cheia de esperanças, com um porvir radiante, de tudo fazer pelo Direito, pela Moral, para o melhor conceito do bacharel!

Realizou-se, dia 28 de Junho próximo passado, na Faculdade de Direito, a festa joanina ha tanto projetada pelos alunos daquele estabelecimento de ensino.

Iniciando-se às 21 horas, a "soirée" foi abrilhantada pelo Jazz de Pirolito, o afamado pianista do Lira Tennis Clube.

Um grande número de convidados, a nossa mais fina sociedade, se reuniu nos salões e no pátio daquela escola, orna-

EXPLICAÇÃO NECESSARIA

Quando pela primeira vez distribuimos "Folha Acadêmica", restaram em nossa redação inúmeros exemplares, que não sabíamos a quem enviar. E o nosso pensamento foi o de diminuirmos a tiragem. Entretanto, pouco depois, dadas a publicidade a segunda e terceira edições, começaram a surgir de todos os recantos do Estado — e mesmo de Estados situados no Centro e Norte do País — os pedidos de remessa de "Folha Acadêmica".

Era a afirmativa de que nossos esforços haviam sido coroados do mais amplo sucesso — e que "Folha Acadêmica" preenchia suas finalidades, quaes sejam, a de dar a todos conhecimento do que se passa em nossa escola, e a de estreitar cada vez mais os laços de amizade que ligam os estudantes de todos os rincões de nossa Pátria.

Para atender aos pedidos que se repetiam, fomos obrigados a tirar um número sempre crescente de exemplares. E, com isso, lá se foram todos os nossos planos, todos os nossos cálculos econômicos.

Custeado que é o nosso jornal pela modica, e por vezes incerta renda do Centro Acadêmico "XI de Fevereiro", ficamos nós entre duas alternativas: ou não levaríamos em conta as manifestações de simpatia e acolhimento que nos dispensaram, ou teríamos de sacrificar-lhe o formato, em favor da tiragem.

E foi por esta última que nos decidimos. Daí, a nova apresentação de nossa folha, em tamanho menor, em roupagem sensivelmente mais simples.

Quem a lêr, entretanto, há de notar que apenas esta modificação foi feita, e continuará, estamos certos, a dispensar-lhe o mesmo carinho de antes, si considerar que seu aspecto em nada interveio nas suas intenções, e que só por estas pretendemos impressionar.

GESTO DIGNIFICANTE

Vimos apelando, insistentemente, junto aos snrs. professores e colegas no sentido de nos auxiliarem, já nos enviando colaboração, já nos remetendo auxilios de molde a que possamos atender às necessidades para as edições de Folha Acadêmica.

Lamentavelmente, entretanto, bem reduzido é o número daqueles que nos tem apoiado nessa empreitada. Não fóra a prestimosa e eficiente colaboração da douda direção de nossa Faculdade, da abnegação dos que se batem pela continuação de "Folha Acadêmica" e, bem assim, de um limitadissimo número de colegas e, queremos crer, talvez nosso jornal já houvesse passado para o rol das cousas que não mais existem!

Agora é a nossa gentil colega e soberana, senhorita Catarina Navarro Haberbeck quem nos incenti-

va ao trabalho, presenteando-nos com uma resma de papel.

É, sem dúvida, um gesto dignificante, digno de todos os encômios e que bem poderia ser seguido pelos demais, principalmente por aqueles que vivem alegando que a nossa Faculdade precisa de publicidade e pelos que, sem que o mereçamos, fazem, de um nada, um cavalo de batalha, dirigindo-nos acerbas criticas!

A nossa colaboradora, o muito obrigado de "Folha Acadêmica".

— Já que não está em nosso poder viver muito tempo, deixemos uma obra para atestar que vivemos.

Plínio, o Moço.

FESTA JOANINA NA FACULDADE

mentados de fórmula originalíssima, com motivos caipiras.

O pátio, com os seus salões e bandeirinhas, era um verdadeiro arraial; e os painéis do salão de dansas, interpretando cenas da roça, foram geralmente elogiados.

A farta distribuição de melado, aipim, batata doce, pinhões, bergamotas e refrescos, muito contribuiu para o sucesso da festa.

Uma enorme fogueira servia de fundo ao pátio, dando, ao ambiente, a característica inconfundível de uma festa no sítio, e as danças, que transcorreram animadíssimas, se prolongaram até alta madrugada.

A noite, promovida pelo Centro Acadêmico XI de Fevereiro, foi um verdadeiro sucesso social, e contou com a honrosa presença do representante do Sr. Interventor Federal do Estado.

RESGATE DE UMA DIVIDA DE HONRA



O des. Henrique da Silva Fontes quando discursava

Vimos noticiando, há varios anos já, o movimento iniciado pelos alunos da nossa Faculdade de Direito, Pró monumento ao professor Des. José Arthur Boiteux, cognominado, aliás com muita justiça, o pioneiro do ensino superior em Santa Catarina.

É bem conhecida de todos, porque um patrimonio nosso, a luta travada pelo pranteado mestre no sentido de dotar sua terra natal de estabelecimentos de ensino dignos de seus filhos, suprimdo ao estado de descaso por parte daqueles a quem competia tão nobre tarefa.

É que, então, só se cuidava de politica que por longos anos constituiu um verdadeiro pesadelo à vida nacional chegando mesmo, bastas vezes, a ensopar o solo patrio com o sangue de seus proprios filhos. Felizmente as cousas tomaram outro rumo dès que medidas drásticas, e por isso mesmo saneadoras, foram tomadas. Separando o joio do trigo, puderam os governantes dedicar todo o seu apoio, todas as suas energias, em beneficio de seus governados.

Tanto maior, pois, a gloria que cabe a José Boiteux visto que, mesmo contando com o pouco apoio e, bem assim, com o muito indiferentismo por parte das autoridades de então, conseguira fundar e manter o Instituto Politecnico, o Instituto Historico Geografico e a Faculdade de Direito de Santa Catarina, sua obra prima, hoje motivo de orgulho para todos nós.

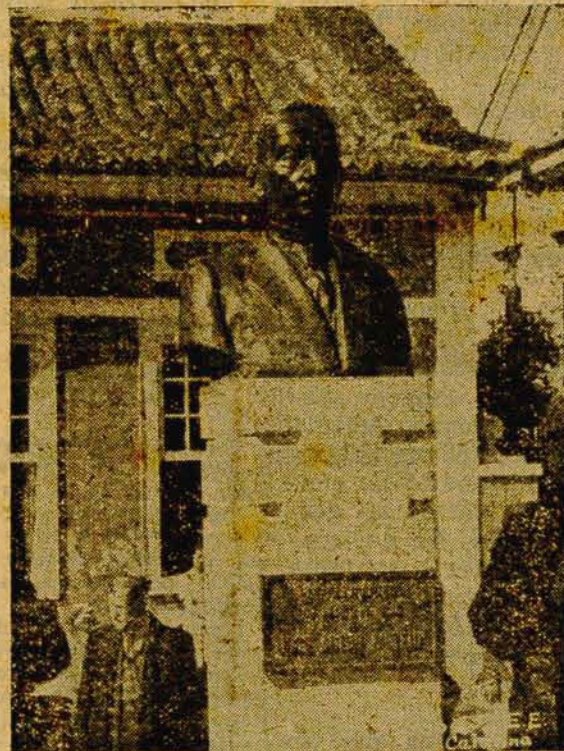
Nada mais natural que os estudantes catarinenses, maximé os acadêmicos de Direito, se sintam jubilosos com o resgate de sua divida para com o mestre mui saudoso, erigindo, no largo Fagundes, um magestoso busto em bronze de seu mestre, sobre artistico pedestal.

A inauguração do busto, que perpetuará, no bronze, a gratidão dos estudantes ao grande catarinense, realizada domingo ultimo, dia 30, às 11 horas, compareceram os Exmos. Snrs. Dr. Nerêu Ramos, Interventor Federal no Estado, Des. Presidente do Tribunal de Apelação, representante do Revdmo. Arcebispo Metropolitano, Diretor da Faculdade de Direito, Dr. Prefeito Municipal, demais autoridades civis, militares e eclesiasticas, federais estaduais e municipais, professoes estaduais e municipais, professoes demais estabelecimentos de ensino, delegações de todos os educandarios da Capital, grande massa popular e inumeros amigos do pranteado conterraneo.

Em nome da Direção da Faculdade de Direito, do Instituto Histórico e Geografico e da Academia Catarinense de Letras, fez uso da

palavra o snr. des. Henrique da Silva Fontes, que pronunciou o seguinte discurso:

Exmo. sr. dr. Interventor federal, Revmo. representante do exmo. e revmo. sr. Arcebispo Metropolitano,



O monumento a José Boiteux

Exmo. sr. des. Presidente do Tribunal de Apelação, Exmo. sr. dr. Prefeito Municipal, Dignissimas Autoridades militares e civis,

Srs. representantes da família Boiteux, Minhas senhoras, meus senhores, srs. professores, srs. estudantes.

José Boiteux está presente na história e na saudade de Santa Catarina pelas obras de afeto e de progresso que realizou.

Os seus escritos tiveram sempre Santa Catarina por motivo; e com eles, e com a palavra falada, tornou-a mais conhecida e amada dos proprios catarinenses e mais apreciada dos brasileiros, que cientes ficaram de atos heróicos e de préstimos gloriosos dos que tiveram aqui seu berço. Bem mereceu, pois, o epíteto, que lhe deu illustre orador, de "garimpeiro do ouro do nosso passado".

Não ficou, porém, só extasiado ante as magnificências do pretérito. Teve também olhos amoráveis para os fatos que se desenrolavam e sempre proclamou o labor progressista e honesto que vivificava a terra barriga-verde. E teve principalmente a intelligência e o coração voltados para a futura grandeza da terra natal. Foi, por isso, vigilante animador de talentos, arguto descobridor de capacidades latentes e irresistível congregador de boas vontades, que o isolamento e a desarticulação deixavam infrutíferas.

Daqui mesmo estamos a ver o seu último empreendimento de arregimentador — a Faculdade de Direito — que foi, sem dúvida, o seu máximo conforto no atrevido sonho de criar o ensino superior em Santa Catarina; sonho come-

gado a concretizar-se no Instituto Politecnico, que sobrevive na florescente Escola de Comércio e no seu curso superior de finanças; sonho que, por certo, alcançará um dia plenitude na Universidade de Santa Catarina, instalada — Deus o permita — nesta praça condecorada hoje com o busto do grande idealista.

A José Boiteux deve o Brasil os utilísimos Congressos de Geografia, e Santa Catarina deve-lhe ainda o seu Instituto Histórico e a sua Academia de Letras, sociedades que, graças à clarividente generosidade do Governo do Estado, esperam em breve corporificar uma iniciativa pela qual José Boiteux batalhou — a Casa de Santa Catarina —, casa que acolherá, os que, associados, queiram trabalhar pela alta cultura nacional em terra catarinense.

Por tudo isso, para ser lembrado, não precisaria José Boiteux de monumento de bronze e granito; outros, que tão perenemente o recordam, os erigiu ele próprio. Mas é de justiça que também este se erga: o nosso "Semeador de estátuas" devia ser pago na mesma moeda com que galardouo patrietos como ele beneméritos. E, para completo gáudio nosso, o resgate de divida, que ora está a efetuar-se, é tributo de quem sempre viveu no coração de José Boiteux: a mocidade estudiosa de Santa Catarina.

A seguir, os bacharelados Alfredo Damasceno da Silva e José Felipe Boabaid convidaram S. Excia., o Interventor Federal, para descer ao monumento, que se achava envolto nas côres nacionaes.

Terminada a salva de palmas que coroara o ato, usou da palavra,

acadêmico Antenor Tavares, que proferiu a seguinte oração:

Caros colegas. Concretizado, vemos hoje, com indizível prazer, a imorredoura aspiração, o grande desejo, o impagável sonho da classe estudantil de nosso Estado, em poder inaugurar, em praça pública, o busto daquele santo homem, daquele vulto sereno que tudo fez para o alevantamento do nível intelectual da sua querida terra.

Seria, meus caros colegas, incomensurável a nossa ingratidão e imensa e impendoável seria a nossa culpa, se nós, acadêmicos de direito, não perpetuassemos na perenidade do bronze, a imagem tranqüilla deste valeroso lutador, que não via obstáculos em suas investidas, não antevia com pessimismo a acerrima tri-lha que lhe era dada a galgar, que não se importava com as dificuldades que gratuitamente tinha a enfrentar, não tendo outra recompensa, pelas obras que tinha a realizar, mas do que o bem que estava fazendo à sua Pátria, ao seu Estado e, sobretudo, ao soerguimento intelectual da sua gente que tanto amou.

Guiado pela luz divina que lhe aclarava os passos subia sempre na ansia infinita de concretizar seus ideais, que não eram outros senão o de fazer ver a sua gente o quanto tinha e o quanto cabia a fazer.

Nasceu, José Artur Boiteux, na cidade de Tijucas, neste Estado, em 9 de dezembro de 1865.

Naquela tranqüilla e amena cidade, que Sebastião Caboto mui propriamente a denominou, banhada pelas águas serenas de um rio que se espreguiça na languidez de curvas sinuantes, lá, onde lavradores e pescadores se abraçavam todas as tardes, lhe foram ministradas as primeiras letras, vindo, depois, à cidade de Desterro, onde continuou seus estudos.

Terminados os preparatórios, seguiu para a Capital Federal, horizonte imenso de novas aspirações e novos labores.

Cursou, aí, a Faculdade de Medicina, abandonando-a no segundo ano, para ir cursar a de Direito, porém em São Paulo, onde, finalmente, colou grau.

Vindo para sua terra, louco de saudades da sua gente e do seu meio, deu início a sua dignificante campanha em prol da educação no Estado, e de outros assuntos intelectuais, que tomou vulto por todos os recantos de nossa Pátria.

Foi eleito deputado federal, tendo sido, anteriormente, secretário do governo de Lauro Müller e mais tarde também este mesmo cargo exerceu na gestão de Hercílio Luz.

Com respeito ao seu amor pela terra barriga-verde, um fato bem nó-lo comprovará.

Contam que Boiteux, quando se encontrava no Rio com alguns colegas, deputados federais, foi apresentado a um deputado do norte, que lhe apupou jocosamente conhecer todos os catarinenses só pela maneira de seu falar cantado.

Boiteux, ferido no seu ardoroso bairrismo, que o conservava até na medula, levantou-se exaltado e perante seus colegas provou ser, o falar cantado dos catarinenses, uma honra de vez que, tal era herança de sua primeira gente — os colonos açorianos — a melhor gente, frizou ele, que pisou ao Brasil.

Diz bem, meus senhores, este fato o quanto Boiteux amava e queria a terra catarinense; o quanto diz este fato insignificante na sua laboriosa vida, da sua individualidade.

Com a criação da Justiça Eleitoral, foi nomeado membro regional, cargo este que exerceu, até que a morte, este tudo que é nada, viesse levá-lo para junto daqueles que tanto amou: os grandes homens de nossa terra.

O que ele fez e o que realizou, são poucas as páginas de um volume para conter.

Fundador de inúmeras sociedades de cultura, membro de outras nacionais e estrangeiras, cronista, jornalista ardo-

(Continua na 3a. página)

na qualidade de orador oficial da União Estadual de Estudantes, o



O presidente do Diretório Acadêmico faz a entrega do busto

RESGATE DE UMA DIVIDA DE HONRA

(Continuação da 2a. página)

roso, cultor assíduo das letras, Boiteux foi, acima de tudo, o grande animador de nossa história, na qual ele buscava as lições que edificassem a mocidade e a fortalecesse na sua dedicação à Santa Catarina.

O professor Laércio Caldeira disse bem em seu discurso no dia do sepultamento do querido mestre: "não sei se alguém amou tanto a Santa Catarina como tu a amaste; não sei se alguém sofreu tanto por amor a Santa Catarina como tu sofreste".

Eis, meus senhores em ligeiros traços e imprecisos a vida pública de José Artur Boiteux, falecido a 8 de janeiro de 1934.

Chegada é a vez de falar da luta por este estabelecimento de ensino superior que honra o nosso Estado.

Foi aos 11 de fevereiro de 1932, que José Boiteux, secundado por outros fundava a academia de Direito, que não passava, até então, de uma simples idéia.

Quanto dissabores, caros colegas, deveriam ter sofrido, quantas malquerenças não de ter enfrentado, os propugnadores desta idéia, até vê-la concretizada? Sem dúvida teremos que afirmar que foram inúmeros. Mas a nobreza do ideal que os guiava, a grandeza nobilitante da obra que tinham em mente, a moral solidificante que o elevava como labutadores do alevantamento intelectual da terra barriga-verde, a grandiosidade do empreendimento que tinham a impulsão, davam-lhes perseverança e ânimo suficientes para não retroceder, para não recuar na marcha da vitória, que os elevava como símbolos imortais de uma grande geração.

Tendo à testa, como porta estandarte, o vulto glorioso de José Boiteux e coadjuvados pelo apólo moral e material de nosso governo, foi pouco a pouco sedimentando-se a falada Alfaiataria do Dico, que hoje constitui o orgulho de um Estado e o sonho vicejante de uma mocidade.

A eles outros vieram incorporar-se, contagiados do mesmo ardor, com a mesma vontade de vencer e, assim, esses legionários abençoados, enfrentando todos os obstáculos que se lhes antepunham, marcharam firmes e resolutos e venceram.

Esse homem que tudo fez, e que a tudo suportou com paciência e perseverança beneditina, para que a mocidade esperançosa de sua terra, que tanto queria, a quem dedicou toda sua existência, pudesse, como as outras, tomar conhecimento em sua própria terra, abraçar ardentemente esta sublime ciência que é o Direito, sublime na sua elevação e exalta nos seus empreendimentos, que leva o homem a praticar o mais belo ato que é dado a um ser vivente realizar: a justiça.

Firmes, pois, caros colegas, nos propósitos sagrados e indelévels que nos delineou José Boiteux, continuemos a sua nobilitante campanha; unamo-nos com este mesmo pensamento e ideal, para que, quando afastado for do mundo esta cortina trágica que hoje o envolve, quando terminada for esta epopéia de horrores que avassala a humanidade, quando a paz emergir radiosa e triunfante no horizonte, deste mar infindável de sangue, nós, cultores do direito e da justiça, baseados na herança que nos deu o grande mestre, trabalhe-mos para o soergulmento de um mundo melhor onde reine a paz com Deus, predomine o direito a justiça, e acima de tudo a liberdade.

Este busto aqui ficará provando a existência de um grande catarinense, e a existência de uma mocidade que o soube compreender.

Logo após, fazendo entrega do monumento à Prefeitura Municipal, em nome do Centro Acadêmico "XI de Fevereiro", discursou o bacharel José Felipe Boabaid, presidente daquela entidade, que assim se pronunciou:

No dia em que o Centro Acadêmico "XI de Fevereiro" torna realidade a sua maior iniciativa, no momento em que os estudantes catarinenses concretizam determinações tomadas há já um decênio, cabia ao representante daquela entidade dirigir-vos a palavra.

E não fugi ao imperativo que se me apresentou porque, se não tive o ensejo de avistar-me jamais com José Artur Boiteux, tenho a meu favor a serenidade do crítico que, sem estar ligado por laços de amizade a aquele cuja obra comenta, pesa-lhe friamente os méritos — e proclama-lhe o valor.

Não vos traçarei, nestas minhas breves palavras, o perfil deste catarinense que, otimista e chelo de iniciativas, idealista e realizador, fez de sua vida um culto à terra que lhe serviu de berço — um batalhar incessante pelo seu engrandecimento.

Entretanto, não me furtarei de lembrar que, a ele, devemos a fundação do Instituto Politécnico, do Instituto Histórico e Geográfico, e da Faculdade de Direito de Santa Catarina; que nele se honram as letras catarinenses; e que, da sua dinamicidade incansável, são frutos quasi todos os bronzes que, nas praças desta cidade, perpetuam os vultos históricos da terra barriga-verde.

Nossa homenagem, que reconhecemos, é por demais modesta, procura sintetizar a gratidão dos estudantes pelo infatigável labor daquele que, com o desinteresse e a tenacidade dos homens de fé, deu aos jovens catarinenses a possibilidade de estudar em sua própria terra — e à sua própria terra proporcionou o ensejo de educar seus filhos no calor de



O dr. Rogério Vieira pronunciando sua oração

sável dos nossos fatos históricos, ou se o cidadão modelo, num deslumbramento ajoelhado ante o altar da Pátria, na idolatria dos nossos maiores que, quais fi-

os outros que povoam nossos jardins — patrimônio sagrado de todos os que cultuam a memória dos bons brasileiros — possa dizer à posteridade que Santa Catarina jamais relegou, ou permitirá se relegue ao esquecimento aqueles cujo desideratum foi sempre o engrandecimento constante da terra barriga-verde!

Em nome da Cidade, falou o Sr. Dr. Prefeito Municipal, cujo discurso abaixo transcrevemos:

Senhores. O saudoso "semeador de estátuas" tem, hoje, a sua glorificação em praça pública.

Já tardava esse preito de admiração e reconhecimento a quem tanto fez por sua terra natal.

Nunca, porém, é tarde para se imortalizar um homem.

A morte o abate e aniquila, mas as suas obras meritórias são perenes e o seqüirão, por todo o sempre, na admiração e no aprêço das gerações que surgem e passam.

Este marco, em bronze, é o testemunho da gratidão, sem limites, da mocidade acadêmica catarinense, à impercível memória de um dos mais destacados valores intelectuais e morais da terra de Anita.

É uma inequívoca manifestação de enaltecedora justiça, a que todos nos associamos, ao nobre vulto do batalhador incansável que, jamais, perdeu instante de tornar grande e admirado o céspede natal.

Irrequieto e ativo, sonhador e, às vezes, visionário benfazejo, realizou obras e forçou empreendimentos, que refregas contrárias nunca conseguiram embargar os surtos nem destruir-lhes os merecimentos.

Aí estão, como testemunhas, vivas e impávidas, as suas inúmeras realizações a que deu todo o vigoroso impulso e o calor de seu espírito apaixonado pela terra barriga-verde, que tanto venerou até ao último alento.

Bem andaram, nesses porfiados anos, após a morte do benemérito varão, esses denodados moços que, hoje, sob o patrocínio do esforçado Centro Acadêmico XI de Fevereiro, dão ao culto público dos que aqui vierem e por aqui passaram, a imagem, em bronze, do egrégio fundador da Faculdade de Direito de Santa Catarina.

Ao recebê-la, solenemente, cumpre o Governo Municipal, por minha voz, inclinável dever de justiça, afirmando que este busto viverá, perenemente, nesta praça, bem junto ao Cênculo que constitui uma das imarcessíveis glórias do devotamento, do ilustre morto, pela adorada terra que amou com todas as veras do seu enlevo e grande coração. Senhores.

José Artur Boiteux já está, há muito, consagrado no afetuosos aprêço e na admiração de seus contemporâneos, mas, as gerações que vierem, ao contemplarem este bronze, fruto da ansia enorme de uma saudade concretizada, não-decomos nós, no presente-que-quer-se mudas, para recolher nas auras de seu grande nome, normas de viver amando e dignificando a terra em que nasceram.

Agradecendo a homenagem, em nome da ilustre família Boiteux, o Dr. Laudelino Solon Galloti, assim se expressou:

Embora falando em nome da Família Boiteux, não posso, como componente dessa mocidade que aqui aflue em tão bela quanto dignificante iniciativa, não posso, como a dizendo, deixar de dar asas ao meu entusiasmo de moço que vê a sua geração voltada para o passado.

Assim, perdoem-me o seguir e acompanhar, quasi no todo, o vosso pensamento.



Com a palavra o orador da U. E. E.

seu selo, no culto de suas tradições. Em José Artur Boiteux, senhores, não sabemos o que mais admirar: se o falsificador de talentos, se o pesquisador incan-

guras de heróicos tempos, construíram o Brasil que herdamos — uno e forte, destemeroso e honrado, credor do nosso respeito e da nossa veneração!

Por isso, nós, os estudantes, que lhe devemos tanto, não lhe chamaremos "historiador emérito", "cidadão perfeito" ou "plantador de estátuas".

Não lhe daremos um cognome. Por que, a fazê-lo, dar-lhe-íamos o epíteto de Mestre, que esta palavra bem simboliza a figura deste patrocinador constante das boas causas, deste incansável campeão do civismo, cuja obra, a desafiar o tempo, é para nós, como o será para as gerações vindouras, a afirmação do que podem a coragem e a perseverança no caminho do dever — e um motivo a mais de orgulho por esta terra que ele tão bem soube amar, por esta bendita terra de Santa Catarina, que hoje, envaldeçada, o honra!

Colegas! No momento mesmo em que foi inaugurado o bronze por nós erguido, hemos pago uma parte de nossa dívida para com José Artur Boiteux, e provado, de público, nosso reconhecimento ao mestre que tanto propugnou o alevantamento cultural de nossa classe. — Hemos pago parte de nossa dívida — que a outra, só poderemos pagar pela afincada determinação de lhe tomarmos o exemplo de estudioso aplicado e, justificando-lhe os esforços, continuá-los para que possamos fundar, em Florianópolis, a Universidade de Santa Catarina!

Sr. Prefeito Municipal! Nós, os estudantes, aqui lhe confiamos este monumento, testemunho de que somos gratos, e de profunda admiração por José Artur Boiteux. Que ele, como



O representante da família Boiteux agradecendo a homenagem

(Continua na 4a. página)

CLOVIS BEVILAQUA

Clovis Bevilaqua faleceu! A notícia repercutiu por todos os quadrantes do país e os brasileiros todos sentiram a perda irreparável do mestre.

Estudioso infatigável, desde a mais tenra idade revelava Clovis o seu amor aos livros e na antiga Viçosa — sua cidade natal — ninguém se lhe avantajava nos estudos. Concluídos os estudos primários em Viçosa, transferiu-se Clovis para a capital do Estado — Fortaleza, onde, pobre que era, viu-se obrigado a lecionar para manter-se, repartindo, já aquela época, o que sabia com os que necessitavam de conhecimentos. Poude, dessarte, à custa de seu próprio esforço, levar de vencida o curso de humanidades, concluído no Rio de Janeiro.

Moço, com menos de vinte anos, recebeu o ambicionado diploma de bacharel em direito, na tradicional Faculdade de Direito do Recife.

Promotor Público no Maranhão, professor de Direito no Recife, consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores, cada vez mais aumentava sua dedicação aos estudos e cada vez mais crescia a sua bagagem de obras jurídicas, repositórios de ensinamentos profundos.

De uma simplicidade extrema, bom como ninguém, magnânimo, tolerante, a vida do mestre foi toda ela um elevado padrão de dignidade moral.

Jurisconsulto dos maiores que a nossa terra há visto, Clovis jamais acastelou-se no seu saber, guardando avaramente os conhecimentos adquiridos em anos e anos de afanoso trato com os livros; ao revés disso, nunca cessou de escrever, visando sempre transmitir o seu vastíssimo saber, através de obras que constituem valiosíssimo patrimônio legado à cultura pátria.

Por isso tudo a memória do mestre há de permanecer bem viva no coração dos brasileiros, pelo alto exemplo de uma existência dedicada, sem esmorecimentos, ao culto do Direito e da Justiça, ideal supremo de sua vida.

RESGATE DE UMA ETC.

A beira do seu túmulo, uma voz amiga, e tantas eram e ainda hoje o são, pronunciou essas frases cheias de amargura:

"Não sei se alguém amou tanto a Santa Catarina como tu amaste".

"Não sei se alguém sofreu tanto por Santa Catarina como tu sofreste".

O sofrimento é sinal de luta. E, como lutador, assentava-lhe bem e ele havia de querer esse galardão, prova real duma vida dedicada ao trabalho.

Enquanto que o sofrimento amargurava-lhe a alma e minava-lhe o físico, o seu amor aumentava, e é bem possível que esse mesmo sofrimento tivesse alentado o seu pensamento, fertilizado a sua imaginação e, qual camada protetora, envolvido e protegido a sua vontade contra os embates martelantes dos célicos e indiferentes.

Dirigido para sua terra e seu povo, sabia estar praticando o "regionalismo sadio, e por isso mesmo patriótico, porque é amar o Brasil, amando-o em cada um dos seus povoados, das suas cidades e das suas províncias".

Rebuscando a história, colocando placas, erigindo bronzes, cultuava o passado e convidava os de sua época e, porque não dizer, os pósteros a render merecido preito às formas vivas da nacionalidade, firmadas nos nobres símbolos.

Batendo-se pela criação, a par de outros, da Academia Catarinense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, do Instituto Politécnico e da Faculdade de Direito de Santa Catarina, tinha ele voltados os olhos para os contemporâneos e para os vindouros, certo de que eles usufruiriam e continuariam a sua obra.

Em todas as suas iniciativas, José Boiteux contou sempre com o apoio incondicional de homens de grande tempera e animados da mesma vontade.

Recordo-me, e muito bem, da figura inconfundível do des. Henrique Fontes, como ele, batalhador das belas e grandes causas, amigo de sua terra e de seu povo e animador da mocidade. Reunidos constantemente na velha casa do Campo do Manejo, ali traçaram os planos da nossa Faculdade, tão carinhosamente cuidada na sua curta mas tão acidentada vida.

Filha dileta do seu coração, a Faculdade de Direito de Santa Catarina, pelos seus estudantes e com o apoio dos seus mestres, tomou a iniciativa de dirigir tão belo e grandioso movimento, fazendo perpetuar a sua lembrança e a sua admiração por tudo aquilo que Boiteux lhe quis dar.

A Faculdade de Direito de Santa Catarina, ao Centro Acadêmico XI de Fevereiro, aos pioneiros da campanha, enfim, a todos que emprestaram seu esforço e, por qualquer modo, deram a sua colaboração, o reconhecimento e o muito obrigado da Família Boiteux.

Com essa solenidade a atual diretoria do Centro Acadêmico "XI de Fevereiro", da Faculdade de Direito de Santa Catarina encerrou com chave de ouro sua profícua gestão posto que, a dois de setembro próximo terminará seu mandato.

Que os novos mentores do Centro Acadêmico, a partir daquela data, continuem o programa elaborado pelos atuais, de molde a, como estes, deixar um marco indelével de sua passagem na Faculdade de Direito de Santa Catarina.

CORRESPONDENCIA

Do Diretório Acadêmico da Escola Politécnica de Pernambuco, com sede à rua Bemfica 445, no Recife, recebemos comunicação de haver sido eleito e empossado, a 15 de junho último, o novo Diretório Acadêmico para o período de 1944-1945.

Na pessoa do colega Daniel Uchôa Cavalcanti Bezerra, presidente eleito, externamos aos colegas de diretoria os nossos melhores votos de uma feliz gestão.

...

Recebemos comunicação de haver sido eleito e empossado, no mês de junho último o Diretório Acadêmico da Escola Politécnica da Bahia cuja presidência ficou a cargo do colega Fernando Brandão Correia.

Somos gratos pela comunicação e auguramos uma profícua administração.

Às Urnas, Colegas

Movimentam-se os nossos colegas para o pleito que se ferirá amanhã, às 17 horas, na sede do Centro Acadêmico "XI de Fevereiro" a fim de elegerem o Diretório que regerá os destinos do referido Centro no período compreendido entre 2-9-1944 a 2-9-1945.

Desusado é o interesse que tal pleito vem despertando nos meios acadêmicos, tanto assim que esboça-se um movimento encabeçado pelos terceiranistas no sentido de quebrarem a tradição, colocando à frente do Diretório um seu colega de turma, o acadêmico Antônio Almeida.

A chapa encabeçada pelo colega Almeida é constituída, exclusivamente, de alunos do 1º, 2º e 3º anos do curso de Direito. E, não ha negar, uma chapa autenticamente revolucionária!

Alegam os seus componentes, entretanto, que um único objetivo os move: trabalhar pelo engrandecimento do Centro Acadêmico, continuando, sem esmorecimentos, o

programa elaborado e iniciado pelo atual Diretório.

Em entrevista concedida à "Folha Acadêmica" o candidato à presidência Antônio Almeida, fez sentir que um colega do 4º ano, como presidente, não disporia do tempo necessário para se dedicar inteiramente às atividades que o cargo impõe, a menos que quizesse assim proceder em detrimento de seus afazeres particulares, maxime considerando-se que somente em março, por ocasião do reinício das aulas e quando já no 5º ano, é que o Diretório, efetivamente, pode desincumbir-se de seus compromissos, dedicando-se ativamente ao trabalho.

Achamos muito razoáveis as ponderações do entrevistado, entretanto, perguntamos: permitirão os quartanistas que se quebre a tradição?

A resposta teremos, fatalmente, com o conhecimento do resultado das eleições. Até lá, entretanto, o nosso grito de guerra: "As armas, colegas!"

"SE TIRARMOS RUI DO ALTAR"

JOSÉ MEDEIROS VIEIRA

Com intuição peregrina, talves plenamente cônico de sua destinação, teve Napoleão, em uma de suas falas políticas, este rasgo singular de metáfora: "os gênios são meteoros que se queimam para iluminar o seu século".

E Nietzsche, referindo-se aos super-homens do passado, comparou-os a estrelas extintas cuja luz, contudo, persistirá perenemente.

É a projeção do gênio, itinerante eterno, a vagar pelos tempos adiante!...

X X X

Rui Barbosa não pertence a um pretérito tão remoto.

É de ontem, por assim dizer.

Mas, "20 anos, apenas, decorridos de sua morte", comentou com precisão um escritor, "Rui Barbosa ganhou o prestígio da lenda. A nova geração representa-o num halo divinizado e repete-lhe o nome a todo o momento".

Com efeito. É isso, na realidade, o que sentimos, é essa a fragrância que respiramos nas páginas tôdas da "Vida de Rui Barbosa", de Luiz Viana Filho, — obra que a crítica classificou num lugar de destaque, afirmando franca e honestamente que o biógrafo baiano havia escrito o livro que faltava...

E quem percorreu os 26 capítulos desse volume, jamais há de olvidar que Luiz Viana Filho, nas palavras ainda da crítica mencionada, "penetrou e interpretou a história de um espírito — e que grande espírito!! — mas também a de um coração, revelando-nos o Rui Barbosa desconhecido, nas suas tempestades íntimas, na sua unidade e profundidade humana, — uma biografia rica

de emoção e de probidade. Mais do que a história de um gênio, de um homem de pensamento e de ação, a confundir-se com a história de sua pátria, — o romance de um homem como os outros, mas que fez de sua vida uma lição de grandeza cívica e de beleza moral".

X X X

E, agora com que palavras falaremos a respeito desta outra admirável biografia de Rui Barbosa, que é o alentado livro de João Mangabeira — "Rui — O Estadista da República"?

Temos que, se a obra de Luiz Viana Filho era o livro que faltava, o trabalho de João Mangabeira constitui o monumento literário maior e definitivo levantado à glória de Rui Barbosa.

"Rui — O Estadista da República" é uma verdadeira bíblia, ou — melhor — uma legítima enciclopédia ruiana! E isso, apesar de o A. haver pretendido fixar Rui tão somente como homem-de-estado.

"Rui — O Estadista da República" é leitura que empolga, que arrebatá, que fascina, e que, muito naturalmente, nos torna devotos fervorosos de Rui Barbosa.

Como Edison Carneiro, ao termo de sua crítica, apossa-se de nós também um desejo veemente de parafrasear Pinheiro Machado: "SE TIRARMOS RUI DO ALTAR, QUEM POREMOS NELE?"

... e dizer que aqui mesmo, em certo meio cultural de nossa "pacata" Capital, iconoclastas atrevidos ousaram atirar pedras à estátua sagrada de Rui Barbosa, — bolotas de barro embora, que se destruíram a si próprias, quando da sacrilega lapidação!...